

## Priscilla



Tenho **31 anos**.

Trabalho há **2 meses** como **Servidora Extraquadro do Gabinete da Procuradoria Geral do Estado (PG-02)**, assessorando as **Comissões de Combate ao Racismo e de Promoção à Igualdade de Gênero**. Apesar de ser recente a minha inserção à Casa, me identifico e tenho vivência nas áreas que atuo.

Sou mãe da **Helena**, de 6 anos.

Advogada, amo o samba, a arte, esportes, apreciar dias ensolarados na praia e **estar junto aos meus trocando afeto e alegrias**. Sou vaidosa, amo me cuidar e me produzir.

Para revelar um pouco da minha jornada de vida, achei pertinente destacar alguns pontos em cada fase.

Nascida e criada em duas comunidades da zona norte do Rio de Janeiro (**Morro do Turano e Morro do São Carlos**), filha de uma mulher negra não retinta (que a maior parte da vida não se identificou como tal) e um homem negro retinto. Neta de mulheres negras com pouco grau de instrução, que sequer terminaram a primeira fase do ensino fundamental. **Mulheres essas que estiveram sempre na posição de subserviência e enfrentando diversos tipos de violências para levar o pão de cada dia à casa**. Uma, como auxiliar de serviços gerais, outra como doméstica, antes mesmo da normatização da profissão.

Com muita dificuldade, **minhas avós foram a rede de apoio da minha mãe na minha primeira infância**. Essa, que era uma mulher jovem e sem estrutura familiar, sem suporte emocional, que cresceu sem a figura paterna e concluiu o ensino médio apesar de toda adversidade.

Minha mãe, que, além de mim, tem meu irmão mais velho, fazia o que podia/sabia, de acordo com sua vivência e maturidade. Ocorre que, infelizmente, **passou boa parte de sua vida sofrendo diversos tipos de violência, inclusive doméstica**. Apesar de toda carga, nunca perdeu a sua principal característica que é o **carisma e alegria de viver**.

Meu pai, que desde muito cedo precisou trabalhar, fazia o que podia/sabia também e até os meus 4 anos, aproximadamente, fui sua filha única. Hoje possuo outros irmãos.

Meus pais são separados desde a minha tenra idade. Da minha primeira infância, lembro da minha mãe trabalhando e ajustando os horários para que minha avó materna me levasse para a escola e depois fosse para o seu trabalho de auxiliar de serviços gerais, realizado durante uma parte da vida no hospital Gaffrée e Guinle e outra na UNIRIO. Com relação ao meu pai, lembro dos finais de semana que me buscava e levava para o Aterro do Flamengo para momentos de lazer, longe da comunidade.

Na pré-adolescência, uma figura muito importante foi minha **tia Andrea** e minha **prima Samira**, que tem a mesma idade que eu. Minha tia, mesmo morando na mesma comunidade, possuía condições melhores que a da minha mãe e me “adotou”. Tudo que fazia para Samira, fazia por mim e **a ela serei eternamente grata pois influenciou muito na formação do meu caráter.**

Passando para a adolescência, fase delicada para qualquer ser humano nessa faixa etária e mais ainda para jovens de comunidade, começa a minha certeza de que **era através dos estudos que mudaria a minha realidade.**

Como minha família sempre foi humilde e não tinha recursos, quando fui para o ensino médio passei para o turno da noite na escola para que pudesse trabalhar durante o dia.

Meu primeiro emprego foi em uma lanchonete dentro da PUC-RJ e lá passei a sofrer mais intensamente com o **racismo estrutural** e ter **consciência racial**. Lá também que me incomodei e **decidi que cursaria uma faculdade** para que minha realidade não fosse eternamente servindo aqueles alunos.

O tempo passou, conclui meu ensino médio e ingressei na faculdade. Com toda a vivência até ali, me identificava com a área de humanas e, como **sempre fui uma pessoa “incomodada” e disposta a ajudar os outros**, escolhi a faculdade de **Direito**. Entendi que queria uma profissão que além de afetar a minha existência, seria **instrumento de mudança para a existência de outras pessoas.**

Foi mais uma batalha que eu enfrentei! Entre a grade curricular extensa, minha **sede em crescer** e as obrigações de trabalho, **VENCI!** Tive o apoio de pessoas importantes demais na minha trajetória, principalmente no final, quando, ao fazer a primeira fase da OAB para “testar”, fui aprovada e então vi a necessidade de fazer um curso para a segunda fase. Ocorre que, esse curso era em Caxias aos finais de semana e, para facilitar a locomoção e economizar a passagem, ia para casa da minha tia Andrea que, a essa altura, já morava na Pavuna. Às sextas, após a faculdade, me deslocava até lá para encontrar uma amiga no sábado pela manhã e pegar uma carona da Pavuna até o curso.

Enfim, chegou o grande dia: **a colação de grau!** Naquele momento minha ficha caiu completamente e os sentimentos de **orgulho, realização e alívio**, tomaram conta da minha alma. Minha mãe, por exemplo, não tinha

dimensão do que estava acontecendo ali e foi preciso a mãe de uma amiga explicar de fato do que se tratava e que **a filha dela agora era “DOUTORA”**.

Logo após a minha colação, **engravidei da luz da minha vida**, entretanto, não foi uma gestação planejada. Nesse período, trabalhava em uma empresa que se dizia familiar, mas, **ao retornar da licença maternidade, fui demitida**.

Quando minha filha tinha aproximadamente 9 meses, me separei do pai dela e voltei para a casa da minha mãe. Foram **tempos extremamente difíceis**, pois eu não tinha estrutura/recursos e estava com uma criança debaixo dos braços. Mesmo minha mãe não sabendo exatamente como agir, pois não teve estrutura consistente no seu maternar, ela fazia tudo o que estava dentro do seu alcance para ser minha **rede de apoio**. Outra figura importante foi **a avó paterna que segurou minhas mãos e nos acolheu**.

Ainda na fase acima narrada, o marco principal para retomada e controle da minha vida, foi **conseguir uma vaga na creche da comunidade** que morava quando Helena completou um ano. No mesmo dia que ela iniciou, comecei a trabalhar em um escritório onde eu era audiencista.

Nessa época, eu ainda amamentava e tive que fazer o **desmame “forçado”**, pois a privação de sono e o peito enchendo o dia todo sem eu poder fazer a ordenha por conta do volume de audiências, tornaram o que antes era o meu maior prazer, um fardo pesadíssimo.

Através dessa oportunidade, **dada por uma mulher negra e mãe**, a vida começou a “andar” e eu consegui alugar uma kitnet para morar com a minha filha. Ainda não era o que eu desejava, pois **eu não queria criar Helena no mesmo ambiente que eu cresci**, não por demérito, mas por entender sobre toda a violência e falta de estrutura que cercava aquele local.

Após a vivência da pandemia sozinha com minha filha e algumas mudanças dentro da própria comunidade, tive uma que impulsionou a “virada de chave” da minha vida. **Um vazamento de uma adutora invadiu a casa que eu morava sozinha com ela e perdi o pouco que eu tinha conquistado até ali**.

Entendi que aquele era o momento de sairmos daquele lugar e foi diante do cenário mais delicado de toda a minha vida que contei com o apoio inicial de familiares, que auxiliaram dentro de suas limitações, e de pessoas que eu sequer esperava que abrissem as portas de suas casas para nos abrigar. Essas, foram pacientes, me estimularam inconscientemente e **acreditaram em mim quando eu mesma não acreditava**.

Então, **quando me senti fortalecida com todo o afeto e apoio recebido**, novamente se **acenderam as luzes da esperança** no meu viver. E foi assim que, finalmente, fui morar em um local fora da comunidade, **seguro e de fácil locomoção para mim e minha cria**.

Os “corres” da vida continuaram acontecendo, **até que eu tivesse a OPORTUNIDADE de chegar até aqui na PGE**. E como ouvi de uma pessoa da Casa, **fui REVELADA** no momento da minha entrevista e processo de seleção por conta das minhas competências profissionais, sendo que, muitas das vezes, eu me sabotava **por ser tão difícil de conseguir a chance de me revelar**.

Quis relatar um pouco da minha vivência, não apenas como uma história triste e de luta e sim como **SUPERAÇÃO E RESILIÊNCIA**.

**Nós, mulheres negras, somos a BASE da sociedade e a força motriz que faz a engrenagem girar**. Nós temos o papel de cuidado, de trabalho, de formação de outros seres humanos e, por muitas vezes, **somos apagadas por conta do patriarcado e racismo estrutural**.

Acontece que **também precisamos de cuidado**, trabalho digno e bem remunerado, ocupação de posições de liderança no mercado de trabalho e valorização enquanto profissionais e pessoas fundamentais para o sustento da sociedade.

Através dessa breve **“escrevivência”** sobre a minha história, espero que mulheres/meninas se identifiquem e continuem empenhadas em conquistar seus sonhos, pois eles existem e, por mais que a estrada tenha seus percalços, precisamos nos manter esperançosas de que, **através de OPORTUNIDADES, conseguiremos alcançá-los**.

Minha caminhada ainda não acabou, entendo que existe um trajeto rumo a **outros sonhos e novos objetivos**. Tenho o dever de ser melhor do que ontem por mim e por minha filha, mas, **através da PGE, que me concedeu a OPORTUNIDADE de me “revelar”, me sinto estimulada para alçar voos cada vez maiores**.

Como diz Conceição Evaristo **“o importante não é ser o primeiro ou a primeira, o importante é abrir caminhos!”**